

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - CAMPUS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS-
HISTÓRIA

IVANICE DA SILVA SANTOS

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA: um
estudo com Alunos, Professores e Gestores nas séries do ensino
fundamental maior da U.E.M. Desembargador José Sarney Costa,
Codó/MA**

CODÓ-MA

2018

IVANICE DA SILVA SANTOS

**AS PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA: um
estudo nas series do ensino fundamental maior da U.E.M.
Desembargador José Sarney Costa, Codó/MA**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas-História da Universidade Federal do Maranhão, Campus de Codó, como requisito para a obtenção do título graduada em Licenciatura em Ciências Humanas-História.

Orientador (a): Prof.^a Dr^a Tatiane Sales.

CODÓ-MA

2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Tatiane da Silva Sales

Professor Especialista Wolney de Jesus Campos Costa

Professor Dro. Francisco Waldílio da Silva Sousa

Codó, 18 de julho de 2018.

Dedico este trabalho a minha família, pelo apoio, paciência e compreensão durante os momentos que tive de me ausentar da realização deste sonho.

“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção” (Paulo Freire).

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, fonte de toda a sabedoria, por ter me dado força, coragem e me capacitado durante toda esta trajetória do curso.

A todos os meus familiares, pelo amor e carinho sempre, recebido incondicionalmente durante todas as etapas desta jornada.

Aos amigos e colegas do curso pela amizade e companheirismo compartilhado nestes anos juntos.

Aos meus professores, em especial a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a. Tatiane Sales pela orientação, paciência, supervisão e partilha durante a finalização do curso.

Enfim, a todos que de algum modo me apoiaram e incentivaram a prosseguir nesta caminhada, obrigada a todos.

RESUMO

A elaboração do presente trabalho objetivou conhecer e refletir as práticas pedagógicas dos professores de História numa escola de ensino fundamental na cidade de Codó/MA. Tendo como objetivo analisar tais práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, durante a disciplina história, identificar quais metodologias podem ser adotadas para promover a efetivação do processo ensino-aprendizagem e detectar os obstáculos enfrentados pelos (as) professores (as). Observou também observar a relação professor (a) /aluno (a) e o grau de aceitação e motivação dos (as) alunos (as) sobre os conteúdos ministrados dentro da sala de aula. Desta forma, este trabalho de pesquisa foi desenvolvido com um estudo feito através de leituras e análises de material bibliográfico sobre o tema, sendo alguns como: periódicos, dissertações, artigos e livros publicados, na observação de professores (as) desta disciplina em sala de aula e pesquisa de campo para melhor análise do que diz respeito a essa metodologia de ensino de História na escola pública de ensino fundamental em Codó. A análise deste trabalho permitiu compreender os desafios e importância da atuação do professor (a) de História na construção do conhecimento crítico do aluno (a) do ensino fundamental e a partir disso saber como contribuir para que essa discussão pudesse ser aplicada em outros espaços escolares.

Palavras-chave: Métodos de Ensino. Práticas Pedagógicas. História.

ABSTRACT

The present work aimed to meet and reflect the teaching practices of teachers of History in elementary school in the town of Codó/MA. Aiming to analyze such teaching practices used in the classroom, during the history, identify what methods can be adopted to promote the effectiveness of the teaching-learning process and detect obstacles faced by (the) teachers. Aimed to also observe the teacher (a)/aluno (a) and the degree of acceptance and motivation of the students about the content taught in the classroom. Thus, this research paper was developed with a study through readings and analysis of bibliographic material on the topic, some as: journals, dissertations, articles and books published, on the observation of teachers of this discipline in the classroom and field research to better analysis than this history teaching methodology in elementary public school in Codó. This study, which allowed understanding the analyses had challenges and importance of the role of the teacher of History in building the critical knowledge of the pupil of the elementary school and from there know how to contribute to this discussion could be applied in other spaces.

Keywords: teaching methods. Pedagogical Practices. History.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 01: Em relação a disciplina de História.....	41
Gráfico 02: Em relação a importância da disciplina de História para a sua formação.....	42
Gráfico 03: Enquanto as aulas de História.....	43
Gráfico 04: Com relação a metodologia utilizada pelo professor.....	44
Gráfico 05: Enquanto ao uso de recursos de vídeo, imagens e músicas.....	46

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 01 – CONTEÚDOS E MÉTODOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA BREVE ABORDAGEM	14
1.1 O Ensino de História na Educação brasileira nos anos de 1970 e 1980.	14
1.2 Fundamentos e Métodos no Ensino de História.....	17
1.3. O Professor (a) como mediador, e seus desafios enfrentados na educação.....	20
1.4 As Práticas de Ensino do (a) Professor (a) de História e os Recursos Didáticos a serem utilizados em Sala de Aula.....	23
CAPÍTULO 02 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA: ANÁLISE E DISCURSÕES DE DADOS	27
2.1 A realidade da Escola	27
2.2 Estrutura física e organizacional da escola.....	29
2.3 Práticas Docentes no Ensino de História.....	30
2.4 A percepção discente sobre o Ensino de História da Escola Sarney Costa.....	40
2.5 A percepção administrativa da Escola Sarney Costa.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	49
REFERÊNCIAS	50
APÊNDICE	53

INTRODUÇÃO

As práticas pedagógicas dos professores de História da U.E.M. Desembargador Jose Sarney Costa, CODÓ-MA, como tema deste trabalho buscam estar frente ao desenvolvimento dos/as alunos/as e lhes dar inteira importância, pois permite que sejam proporcionadas experiências diferentes e enriquecedoras, que venham desenvolver as suas capacidades intelectuais e cognitivas. Porém, tudo isso é um processo longo que deve ser feito de forma contínua e dinâmica, daí a importância de um ensino motivador.

Nos tempos atuais faz-se necessário um repensar relacionado na forma de ministrar as aulas na disciplina de História, discutir e analisar a metodologia dos professores a fim de se obter uma qualidade de ensino em todos os níveis, onde o aluno possa desenvolver seu raciocínio e sua capacidade crítica em sua formação como um “cidadão crítico”, e no desenvolvimento intelectual do aluno. Dessa maneira, fica claro que o trabalho dos professores de História no ambiente da educação, desempenha um papel importante na construção do aprendizado, pois através destes são estabelecida relação, sociais, morais, culturais e éticos, que vem a contribuir positivamente no processo de ensino e aprendizado dos alunos, pois a construção desse processo é feita aos poucos, deve ser interligada com a motivação dos professores, com a qualidade que os mesmos venham a desenvolver.

Sendo assim sabemos que, falar sobre as características que existem em relação ao processo ensino-aprendizagem é muito extenso, e sobre tudo difícil, pois trata-se de “realidades”, onde as quais as vezes não são todas vistas como verdade e compreendidas desta forma, mas há muito o que se debater e cobrar por uma melhor qualidade no ensino e também na metodologia dos profissionais nesta área.

Nesse contexto, faz-se necessária à discussão sobre qual o papel do professor no sentido de compreender o seu objeto de estudo que é de formular uma metodologia que venha ajudar a levar a esses educandos uma possibilitando de melhoria no processo de ensino-aprendizagem. Diante da

realidade brevemente apresentada, o presente trabalho tem como objetivo: analisar as práticas pedagógicas de ensino dos professores de História na escola U.E.M. Desembargador Jose Sarney Costa, na cidade de Codó/MA; identificar as metodologias que são adotadas para promover a efetivação do processo ensino-aprendizagem; e detectar os obstáculos enfrentados pelos professores para trabalhar dentro da sala de aula a disciplina História. Para alcançar tais objetivos dentro deste trabalho foi estabelecida uma pesquisa baseada em dados obtidos através da aplicação de questionários, pesquisas em referenciais teóricos, e outros materiais que se fizerem necessários.

A escolha desta unidade de ensino para a realização da pesquisa deve-se ao período em que se desenvolveu os estágios, realizados na mesma e pelo trabalho feito referente ao programa PIBID (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência). O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. Onde o objetivo desse programa é antecipar o vínculo entre os futuros mestres e as salas de aula da rede pública. Com essa iniciativa, o Pibid faz uma articulação entre a educação superior (por meio das licenciaturas), a escola e os sistemas estaduais e municipais.

A estrutura do trabalho está dividida da seguinte forma: Introdução, procedimentos metodológicos, fundamentação teórica, que vem abordar sobre os seguintes temas: O Ensino de História na Educação brasileira nos anos de 1970 e 1980; Fundamentos e Métodos no Ensino de História, o tópico seguinte fala sobre, O Professor (a) como mediador, e seus desafios enfrentados na educação, posteriormente tratamos das Práticas de Ensino do (a) Professor (a) de História e os Recursos Didáticos a serem utilizados em Sala de Aula, em seguida, Procedimentos Metodológicos dos Professores de História: análise e discursões de dados, a Realidade da Escola, a Estrutura física e organizacional da escola, Práticas Docentes no Ensino de História e por fim as considerações finais.

O objetivo do presente estudo foi fazer uma análise que se possa entender e compreender a atuação do professor de História na construção do

conhecimento crítico do aluno do ensino fundamental maior da U.E.M. Desembargador Jose Sarney Costa, na cidade de Codó/MA; e a partir disso contribuir para que essa discussão fosse aplicada mais vezes em diferentes espaços.

Este trabalho de pesquisa teve sua estrutura pautada e desenvolvido com estudos feitos através de leituras e análises de material bibliográfico sobre o tema, sendo alguns como: periódicos, dissertações, artigos e livros publicados e na observação de professores desta disciplina em sala de aula.

Em seguida,foi realizada uma pesquisa de campo para melhor analisar no que se diz respeito às práticas pedagógicas dos professores de História: Um estudo no Ensino Fundamental Maior da U.E.M. Desembargador José Sarney Costa, Codó-MA,uma instituição pública de ensino que trabalha com alunos de na sua maioria carentes. Foram realizadas: observação tanto da aula quanto da estrutura da escola. Aplicação de questionários e entrevistas com a coordenação e direção, aplicação de questionários e entrevistas aos docentes, aplicação de questionários aos discentes.

Depois de observadas as primeiras informações sobre a escola, foinecessário levantar a quantidade de alunos, corpo docente, gestão da escola optando por verificar as práticas pedagógicas do professor em sala de aula para uma melhor investigação sobre o tema mencionado.

Acredita-se que a referência de autores que trata deste tema somado às observações propriamente ditas,foram obtidas melhores proporções relacionadas no desempenho profissional da área, haja vista que as leituras abrem nossas mentes e concretizam ou mudam ideias que formam no decorrer de nossa vida.

CAPÍTULO 01

CONTEÚDOS E MÉTODOS NO ENSINO DE HISTÓRIA: UMA BREVE ABORDAGEM

As transformações no ensino de História foram identificadas mediante a análise de várias propostas curriculares elaboradas pelos Estados, Municípios e pelos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN's, pois durante algumas décadas surgiram várias propostas que visavam proporcionar um ensino de História mais significativo e de qualidade, com métodos diversos onde são envolvidos o seu público alvo, os educandos. Desta forma cabe aqui analisar quais os caminhos projetados pelos currículos para poder discernir o que efetivamente ocorreu no processo de mudanças do ensino de História.

1.1 O Ensino de História na Educação brasileira nos anos de 1970 e 1980

O estudo da História, a partir do século XIX, tem permanecido nos currículos escolares dos diferentes níveis da educação básico e também como matéria dos cursos preparatórios ou de exames vestibulares brasileiros. Foi no século XIX, que esta disciplina começou a ter uma posição de certa importância mantida principalmente pela fundação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, 1938, com objetivo de promover investigações e relatórios científicos sobre o Brasil e de fomentar uma identidade cultural, social e política no país. Após a Proclamação da República, e a importância de fortalecimento de uma ideia de nação, a disciplina História também ganha atenção especial pois é configurada como importante aporte para consolidação da ideia republicana por meio de mitos, heróis, fatos históricos, bandeiras e símbolos diversos.

A História escolar integra o conjunto de disciplinas que foram sendo constituídas como saberes fundamentais no processo da escolarização brasileira e passou por mudanças significativas quanto a métodos, conteúdos e finalidades até chegar à atual configuração nas propostas curriculares. As propostas curriculares inserem-se em um momento importante da história do ensino de História, e cabe analisar, com rigor metodológico, os novos rumos projetados pelos currículos para poder discernir o que efetivamente está em processo de mudança e como atualmente ocorre “a seleção cultural” do conhecimento considerado essencial para os alunos.

Para Fonseca (1993), as mudanças curriculares no ensino de 1º e 2º graus ocorridas com a reforma de 1971, previam a adoção de Estudos Sociais englobando os conteúdos Geografia e História no curso de 1º grau. Esta medida desencadeia um processo polêmico de lutas e discussões acerca da formação dos profissionais de História e Geografia. Nesta época, no ano 1971, já estavam sendo implantados em instituições públicas e privadas os cursos de licenciatura curta e longa em Estudos Sociais visando formar professores de Moral e Cívica e de Estudos Sociais. De acordo com a Resolução nº 8, de 1972, do Conselho Federal de Educação, o currículo mínimo destes cursos é constituído das seguintes áreas: História, Geografia, Ciências Sociais, Filosofia, Ciência Política, OSPB, e as obrigatórias EPB e Educação Física, além da área pedagógica. A duração das licenciaturas curtas e longa deve ser de respectivamente 1.200 horas, o que equivale a um ano e meio letivo, e 2.200 horas, o equivalente a 3 anos letivos.

Nestes cursos, começa a ser formada a nova geração de professores polivalentes, e neles o principal objetivo é a descaracterização das Ciências Humanas como campo de saberes autônomos, pois são transfiguradas e transmitidas como um mosaico de conhecimentos gerais e superficiais da realidade social. (FONSECA, 1993 p.27).

Segundo Fonseca (1993), está investida contra os profissionais de História revela a outra dimensão que vai além da economia acima analisada. Trata-se do controle ideológico sobre a disciplina em nível de 1º grau na formação dos jovens, na formação dos cidadãos e do pensamento brasileiro. O profissional oriundo da licenciatura curta estava muito mais propenso a atender aos objetivos do Estado, aos ideais de Segurança Nacional do que um outro

profissional oriundo de um curso de licenciatura plena em História, apesar das limitações deste.

FENELON (1984), uma das pioneiras na luta contra as licenciaturas curtas em Estudos Sociais, a favor da implantação das disciplinas História e Geografia no nível de 1º grau, registra, no ano de 1973, o surgimento das manifestações organizadas. Segundo ela, as licenciaturas curtas em Estudos Sociais visavam a realização deste tipo de ensino, uma vez que: o professor idealizado para produzir esse tipo de ensino deverá, portanto, ser submetido a um treinamento generalizante e superficial o que conduzirá fatalmente, a uma deformação e a um esvaziamento de seu instrumental científico. Não há que pensar em fornecer-lhe elementos que permitam analisar e compreender a realidade que o cerca, bem como não precisa refletir e pensar, deve apenas aprender a transmitir.

Assim a desqualificação dos professores, sobretudo de História, no bojo do processo de reformas, era estratégica para o poder político autoritário. Desqualificar o professor de História, ou qualificá-la e prepará-lo para uma escola que impunha tarefas e necessidades de submissão a maioria da sociedade brasileira, significava, sem dúvida, fortalecer e legitimar um modelo antidemocrático e concentrador de riquezas, além de limitar ainda mais as possibilidades de debates mais profundos na área no interior das nossas escolas de 1º e 2º graus (FONSECA, 1993, p.29).

Para o autor supracitado, o ensino de História, cujo objetivo é explicitamente citado no decreto 68.065/71, vai sendo sutilmente vinculado aos “princípios norteadores da Educação Moral e Cívica”. De um lado, os professores de História e Geografia ou Estudos Sociais passam todas as disciplinas e atividades extraclasse. Por outro lado, os estabelecimentos de ensino, obrigatórios legalmente a cumprir o programa fixado pelo Conselho Federal de Educação, diminuem a carga horária de História e Geografia ou Estudos Sociais, cedendo espaço na grade curricular da escolar para as duas disciplinas obrigatórias: EMC (Educação Moral e Cívica) e OSPB (Organização Social e Política do Brasil).

De acordo com a reforma de 1971, a organização curricular para o ensino de 1º grau deve conter obrigatoriamente um núcleo comum e uma parte diversificada. O núcleo comum passa a ser constituído de Comunicação e Expressão, Estudos Sociais e Ciências, além de Educação Moral e Cívica (obrigatória desde 1969), Educação

Artística, Educação Física, Programa de Saúde e Ensino Religiosos. As disciplinas História e Geografia passam a fazer parte de outra "matéria", qual seja, Estudos Sociais. É interessante salientar que nos escalonamentos dos conteúdos admitia-se, no caso da área de Comunicação e Expressão, o ensino de Língua portuguesa e Língua Estrangeira; na área de Ciências, o ensino de Ciência e Matemática e no caso da área de Estudos Sociais deveria ser ministrado predominantemente como Estudos Sociais e por professores polivalentes. (FONSECA, 1993, p.41).

Esta nova organização curricular consolida Educação Moral e Cívica e as outras disciplinas obrigatórias constantes no artigo 7º da Lei 5692/71, ao mesmo tempo que efetivamente descaracteriza o ensino de História e Geografia no 1º grau que, por força da lei, se transforma em ensino de Estudos Sociais objetivos, os conteúdos e as concepções delineadas no projeto de ensino e de dominação política do Estado Brasileiro foram implementados em nível de planejamento e execução de formas diversas nos vários estados brasileiros. As forças políticas detentoras do poder, ao tentarem destruir o ensino de História como possibilidade de reflexão, substituindo-o por conceitos de moral e civismo, tiveram como preocupação transmitir valores morais e políticos úteis à consolidação do projeto autoritário desenvolvimentista.

Portanto, na compreensão de Fonseca (1993), o fazer histórico realiza-se no campo da política numa posição ambígua, pois, se por um lado está extremamente próximo ao poder dominante, por outro lado distancia-se e constitui-se um outro poder capaz de dispor de estratégias, símbolos e fatos capazes de alterar o jogo das forças políticas. Esta experiência é reveladora de dimensões da realidade educacional vivida durante os anos 1980, pois de um lado, um amplo debate, troca de experiências, um movimento de repensar as problemáticas das várias áreas e por outro lado, a permanência de uma legislação elaborada em plena ditadura. Educação Moral e Cívica e Organização Social e Política do Brasil continuaram obrigatórias para o ensino de 1º grau.

1.2 Fundamentos e Métodos no Ensino de História

A História, enquanto disciplina escolar, possui uma longa história, permeada de conflitos e controvérsias na elaboração de seus conteúdos e métodos (Bittencourt, 2009) e a história do ensino de história tem sido objeto de estudos de vários pesquisadores brasileiros, notadamente a partir da década de 80 do século passado, quando se debatia a reforma curricular que visava substituir os Estudos Sociais pela História e Geografia. A História escolar é apresentada por essas pesquisas com abordagens diferentes, predominando uma análise preocupada em denunciar o caráter ideológico da disciplina e a forma pela qual o poder intencional manipula ou tem o poder de manipular o ensino, submetendo-o aos interesses de determinados setores da Sociedade.

Neste contexto a autora aborda que, a produção da História escolar é significativa para identificar as relações entre os diversos elementos constituintes da disciplina, ou seja, entre objetivos, conteúdos explícitos e métodos. A análise da disciplina em sua “longa duração” visa fornecer alguns indícios para a compreensão da permanência de determinados conteúdos “tradicionais” e do método da “memorização”, responsável por um slogan famoso da História escolar: uma “matéria decorativa” por excelência.

O ensino de História sempre esteve presente nas escolas elementares ou escolas primárias brasileiras, variando, no entanto, de importância no período que vai do século XIX ao atual. A partir da década de 1970, sua importância foi ampliada como conteúdo encarregado de veicular uma “história nacional” e como instrumento pedagógico significativo na constituição de uma “identidade da História nacional”. Os métodos e conteúdos foram sendo organizados e reelaborados a fim de atingir esse objetivo maior, pois aborda também que, o ensino de História associava-se a lições de leituras, para que se aprendesse a ler utilizando temas que incitasse a imaginação dos alunos e fortificassem o senso moral por meio de deveres para com a pátria e seus governantes.

Os conteúdos passaram a ser elaborados para construir uma ideia de nação associada à de pátria, integradas como eixos indissolúveis. Esses estudos de História eram previstos apenas para esta última etapa do ensino, na escola primária complementar. As autoridades educacionais acabavam por

exigir dos professores apenas uma parte obrigatória composta de leitura e escrita.

No fim da década de 1880 de século XIX, com a abolição do sistema escravagista e o aumento populacional proveniente do intensificado processo de imigração e urbanização, ampliaram-se os debates políticos sobre a concepção de cidadania, devendo, então, os direitos sociais e civis ser estendidos a um número cada vez maior de pessoas. A escola ganhou novo destaque, pela necessidade de aumentar o número de alfabetizados, condição fundamental para a aquisição da cidadania política. O ensino de História na escola primária precisava integrar setores sociais anteriormente marginalizados no processo educacional, contudo, incluir nos programas curriculares a participação deles na constituição histórica da Nação. (BITTENCOURT, 2009 p.64).

Para Bittencourt (2009), dentro dessa perspectiva, a maioria dos educadores que concordavam com a escolarização das classes populares, a História a ser ensinada, desde o primeiro ano escolar, aos trabalhadores livres que emergiam em substituição aos escravos deveria inculcar determinados valores para a preservação da ordem, da obediência à hierarquia, de modo que a Nação pudesse chegar ao progresso, modernizando-se segundo o modelo dos países europeus. A História tinha como missão ensinar as “tradições nacionais” e despertar o patriotismo.

Conforme Bittencourt (2009), as lembranças de muitos alunos da História escolar e os livros escolares, produzidos no século XIX, indicam o predomínio de um método de ensino voltado para a memorização. Aprender História significava saber de cor nomes e fatos com suas datas, repetindo exatamente o que estava escrito no livro ou copiado nos cadernos. Um modelo de livro didático muito utilizado em variadas escolas elementares era o catecismo, e muitos textos de História destinados às crianças seguiam o mesmo molde. A história, segundo o método do catecismo, era apresentada por perguntas e respostas, e assim os alunos deviam repetir, oralmente ou por escrito, exatamente as respostas de livro. A memorização era a tônica do processo de aprendizagem e a principal capacidade exigida dos alunos para o sucesso escolar. Aprender era memorizar. Tal concepção de aprendizado, fundamentada no desenvolvimento da capacidade do aluno em memorizar, criava uma série de atividades para “o exercício da memória”.

Os métodos de ensino baseados na memorização correspondiam a um entendimento de que “saber história” era dominar muitas informações, o que, na prática, significava saber de cor a maior quantidade possível de acontecimentos de uma história nacional. A crítica ao “aprender de cor”, que não podemos confundir com a memorização consciente, tem sido, portanto, constante desde o fim do século XIX.

Criticou-se os métodos memônicos ao identificar que tipo de memorização está sendo considerada desnecessária e passível de ser descartada. Parece acertado afirmar que a crítica feita é contra um tipo de memorização mecânica, do “saber de cor”, da pura repetição, e não contra o desenvolvimento da capacidade intelectual de memorizar. Essa distinção deve ser feita para evitar que se julgue totalmente desnecessário desenvolver nos alunos a capacidade de memorizar acontecimentos, no caso da História, e referenciá-los no tempo e no espaço, para que, com base neles, se estabeleçam outras relações de aprendizado.

1.3 O Professor (a) como mediador, e seus desafios enfrentados na educação

O professor é, e sempre foi concebido, como um mediador de aprendizagens, o elo de ligação entre o saber e o aprendiz, uma espécie de tradutor do conhecimento, onde o saber adquirido ao longo de sua carreira deve ser pertinente à busca pela qualidade de ensino, e fundamentalmente embasados nos princípios básicos de desenvolvimento, o saber pedagógico voltado para as dificuldades no processo ensino aprendizagem nas diferentes particularidades podem ser de grande importância para o crescimento intelectual e moral do aluno.

O historiador que exerce o trabalho pedagógico é um educador, um profissional docente, cujo ofício consiste no domínio e na transmissão de um conjunto de saberes através de processos educativos desenvolvidos no interior do sistema de educação escolar. Esse saber docente é, de acordo com a literatura da área, um saber plural, proveniente de diversas fontes. O

historiador-educador ou o professor de História é alguém que domina não apenas os métodos de construção do conhecimento histórico, mas um conjunto de saberes e mecanismo que possibilitam a socialização desse conhecimento. “Saber alguma coisa não é mais suficiente para o ensinar, é preciso saber ensinar”. (FONSECA, 1997).

Segundo Nóvoa (1991, p.67), nos anos 90:

Impõe-se cada vez com maior evidência: que os professores não são apenas consumidores, mas também produtores de materiais de ensino; que os professores não são apenas executores, mas também criadores e inventores de instrumentos pedagógicos; que os profissionais não são apenas técnicos, mas também profissionais críticos e reflexivos.

O professor, com sua maneira própria de ser, pensar, agir e ensinar, transforma seu conjunto de complexos saberes em conhecimentos efetivamente ensináveis, e faz com que o aluno não apenas compreenda mas assimile e incorpore esses ensinamentos de variadas formas. Porém, o historiador que exerce seu ofício em sala de aula vive uma situação ambígua: ocupa uma posição estratégica e ao mesmo tempo desvalorizada; desenvolve uma prática cultivada e ao mesmo tempo, aparentemente, desprovida de saberes; vive continuamente o dilema entre a autonomia profissional e a ameaça da proletarização e da reprodutividade. E também o seu estilo de vida dentro e fora da escola, as suas identidades e culturas ocultas têm impacto sobre os modelos de ensino e sobre a prática educativa.

No Brasil, em geral, as pesquisas com histórias de vida ligam-se aos estudos de memória desenvolvidos pela psicologia social. Grande parte dos estudos tem como referência o conceito de contexto e função social da memória, desenvolvido pela professora Ecléa Bosi (1983, p. 17), apoiada em Halbwachs e Bartlett. Nessa perspectiva, “a memória do indivíduo depende do seu relacionamento com a família, com a classe, com a escola, com a Igreja, com a profissão; enfim, com os grupos de convívio e os grupos de referência peculiares e esse indivíduo”. Dessa forma, o registro das vidas dos professores, de suas maneiras de ser e ensinar, situa-se neste campo movediço em que se cruzam os modos de ser do indivíduo e o mundo social,

as instituições e os diferentes atores, grupos e conflitos sociais que fazem parte de suas trajetórias.

Há, hoje, no meio historiográfico, um reconhecimento da necessidade de registrar as histórias individuais dos sujeitos que fazem e ensinam a história. Nessa perspectiva, a opção pela história oral de vida representa uma possibilidade concreta de pesquisa, no próprio campo da historiografia. Do mesmo, as investigações pedagógicas, que até pouco tempo insistiam em estudar a educação, a escola e o ensino, ignorando o professor hoje tentam colocá-lo no centro dos debates. Isso decorre do reconhecimento de uma questão óbvia: não há educação ou ensino sem professor, e o professor é uma pessoa.

O desafio da educação básica, tomada como um todo, está em gestar os fundamentos mais promissores para construção de um projeto de desenvolvimento ao mesmo tempo moderno e próprio.

Pois segundo a BNCC (2016 P. 296), é ainda nos anos iniciais do Ensino Fundamental que os/as estudantes começam a desenvolver procedimentos de investigação em Ciências Humanas, como a pesquisa a diferentes fontes documentais, a observação e o registro – de paisagens, fatos, acontecimentos e depoimentos – e o estabelecimento de comparações. Esses procedimentos são fundamentais para que compreendam a si mesmos/as e ao seu entorno, suas histórias e as dos diferentes grupos sociais na relação com as histórias de sua escola, sua comunidade, seu Estado, seu País. São importantes, ainda, para que percebam suas relações com o ambiente e a ação dos seres humanos nesse ambiente, refletindo sobre essas relações.

A alma da formação básica é aprender a aprender, saber pensar, informar-se e refazer todo dia a informação, questionar. Conhecimentos pertinentes e sobretudo seu manejo propedêutico, são base para o exercício do papel de sujeito participativo e produtivo. Com isto, parece claro que dificilmente outra profissão seria mais estratégica que está. Deve receber atenção devida, em termos de remuneração e formação, com a consequência, desde que o valorize/remunere convenientemente.

Sobre questão pedagógica e didática de acordo Demo (1990), é óbvio que o professor de educação básica carece de primar pela capacidade de

pesquisa. Dito de supetão, parece desafio descomunal e mesmo inapropriado, talvez pernóstico; bem colocado, faz parte do cerne de sua habilidade profissional. Demo (1998) fala que, a habilidade didática e pedagógica que se espera do professor já não se resume ao formato expositivo das aulas, a fluência vernácula, a aparência externa. Precisa centrar-se na competência estimuladora da pesquisa, incentivando com engenho e arte a gestação de sujeitos críticos e autocríticos, participantes e construtivos. Como meta, coloca-se a gestação no aluno da capacidade de saber pensar, aprender a aprender, construir/reconstruir – dentro de seu contexto – questionamentos pertinentes. Não se trata de exigir produção científica, porque já é importante que saiba reconstruir, no sentido de construir para si mesmo a habilidade de ler a realidade, questioná-la e lançar projeto próprio de desenvolvimento.

Para o autor, em termos formais, o aluno precisa municiar-se de formação básica adequada, que lhe permita acesso sempre renovado ao saber estratégico, necessário para compreender o mundo e nele agir como sujeito. Em termos políticos, o aluno precisa saber compreender e questionar a sociedade, participar como cidadão, ser membro ativo em seu meio. O desafio que o professor tem em saber ensinar é algumas questões que nos assaltam, pois trata-se da clientela básica da escola pública de ensino fundamental, ou seja, de alunos oriundos das camadas populares.

O autor aborda também que se tem plena clareza de que o professor, por si só, não é capaz de transformar a realidade que extrapola a própria escola e tem suas raízes no econômico e no sociopolítico. Mas sua competência, como profissional da educação, é, sem dúvida, um dos fatores de maior peso quando se pensa melhoria do ensino. Há quem pense que o magistério é algo que se improvise; no entanto, é uma atividade profissional que exige preparo especializado para atingir bons resultados, no entantorequer formação com sólidas bases teóricas e exige, por outro lado, que se conheça a realidade na qual e sobre a qual se atua. Feito assim o professor será competente, pois irá se sentir politicamente comprometido com seu aluno, conhecerá e utilizará adequadamente os recursos capazes de lhe propiciar uma aprendizagem real e plena de sentido.

1.4 As Práticas de Ensino dos (as) Professores (as) de História e os Recursos Didáticos a serem utilizados em Sala de Aula

A dinâmica ensino-aprendizagem constitui-se em uma das relações didáticas mais evidenciadas na situação pedagógica desenvolvida na sala de aula.

Em sua vida cotidiana todo ser humano aprende uma infinidade de conhecimentos em sua interação com os outros e o ambiente. Este estado permanente de aprendizagem se dá em diferentes níveis e ocorre de forma assistemática e espontânea. Diferentemente dessa forma de conhecimento há um outro, sistematizado, para o qual o indivíduo necessita organizá-lo formalmente de modo que os elementos que o compõem possam ser utilizados e modificados em outras situações. Historicamente o conhecimento sistematizado, necessário ao crescimento social do indivíduo, acontece no seio da instituição escolar. A escola é uma instituição social com a função específica de proporcionar aos indivíduos que a frequentam o acesso ao conhecimento sistematizado, acumulado historicamente. Nessa perspectiva, a aprendizagem que o indivíduo realiza na escola apresenta características que a distinguem daquela realizada em outras instâncias de sua vida cotidiana. (VEIGA, 1996, p.107).

Para a autora, uma característica distintiva é que a ação de aprender na escola envolve uma forma de conhecimento, o sistematizado, e sujeitos que interagem entre si, constituindo a dinâmica ensino-aprendizagem. Essa concepção difere da ideia que considera o ensino escolar como uma ação individual do professor, transferindo conhecimentos para os alunos e difere também de outra ideia segundo a qual o ensino consiste na organização das experiências do aluno com base nas suas necessidades e nos seus interesses. Esse ponto de partida implica que a relação ensino-aprendizagem pressupõe uma transformação progressiva dos conhecimentos dos alunos em direção ao domínio do saber sistematizado (Saviani, 1991), sua reelaboração e aplicação nas situações de interação com os outros. Antes de tudo, essa relação é de socialização, de troca de conhecimentos aprendidos e transformados na interação. É uma relação dinâmica, dialógica, portanto, construtiva da aprendizagem pela troca de saberes.

De acordo com Veiga (1996) esse fundamento a conduta apropriada na situação de ensino-aprendizagem seria partir dos conhecimentos que os alunos

já possuem, discutir problemas que gerem conflitos cognitivos, dar ênfase ao processo de construção do conhecimento, secundarizando a busca de resultados. É tarefa do professor criar um ambiente na sala de aula propício ao diálogo, levando os alunos a refletir sobre “os porquês e os comos” da ação, através de um processo de interação. Na verdade, a escola de que precisamos e a relação ensino-aprendizagem que visamos dependem, sobretudo, de um professor comprometido com uma escolarização transformadora que, no dizer de (Mousés,1994), se expressa pelo empenho de instrumentalizar política e tecnicamente o aluno, ajudando-o a construir-se como sujeito social.

O professor ou os professores detém o saber e sua função consiste em informar e apresentar aos alunos situações múltiplas de obtenção de conhecimentos, através de explicações, visitas a monumentos ou museus, projeções, leituras, etc. O aluno, por sua vez, deve interiorizar o conhecimento tal como lhe é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que é apresentado, de maneira que as ações habituais são a repetição do que se tem que aprender e o exercício, entendido como cópia do modelo, até que seja de automatizá-lo (ZABALA, 1998, p.89).

Assim, essa concepção é coerente com a crença de que a aprendizagem consiste na reprodução da informação, sem mudanças, como se tratasse de uma cópia na memória do que se recebe através de diferentes canais. Esta maneira de entender a aprendizagem configura uma determinada forma de relacionar-se em classe. Estas condições obrigam a que uma das primeiras tarefas dos professores consista em levar em conta também os conhecimentos prévios dos alunos, não apenas em relação aos conteúdos, como também aos papéis de todas as instâncias que participam nos processos de ensino/aprendizagem e, portanto, é preciso examinar a disposição, os recursos e as capacidades gerais com conta cada aluno em relação à tarefa proposta.

Procurando acompanhar as mudanças, os novos tempos, muitos professores acabam comparando a ideia de que tudo que não é muito veloz é chato e a análise é substituída por “achismos” e conteúdos de coletados da internet sem muito rigor. Pois hoje estudar História, interpretá-la, ensiná-la não é tão fácil como parecia, um instrumento de propaganda ideológica ou revolução. (ZABALA, 1998, p.99).

Já para Pinsky, (2006), é necessário, portanto, que o ensino de História seja revalorizado e que os professores dessa disciplina se conscientizem de

sua responsabilidade social perante os alunos, preocupando-se em ajuda-los a compreender e esperamos a melhorar o mundo em que vivem. Um professor mal preparado e desmotivado não consegue dar boas aulas nem com o melhor dos livros, ao passo que um bom professor pode até aproveitar-se de um livro com falhas para corrigi-las e desenvolver o velho e bom espírito crítico entre os seus alunos. Pois mais do que um livro o professor precisa ter conteúdo. O professor precisa utilizar-se de métodos históricos, aproximar os alunos, pois quanto mais o aluno sentir que a história é algo próximo dele, mais terá vontade de interagir com ela, não como uma coisa externa, distante, mas como uma prática que ele se sentirá qualificado e inclinado a exercer.

A lei 9394/96, que estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, em seu artigo 22, aponta o caminho a perseguir na educação básica: "(...) desenvolver o educando, assegurar-lhe a formação comum indispensável para o exercício da cidadania e fornecer-lhe meios para progredir no trabalho e em estudos posteriores". Assim, as diretrizes, os princípios pedagógicos, os valores a serem transmitidos, as capacidades e competências visualizadas, a seleção dos conteúdos das diversas áreas de conhecimento, os conceitos fundamentais, as estratégias de trabalho e as propostas de intervenção do professor estão todas pautadas por esse princípio maior que vincula a educação à prática social do aluno, ao mundo do trabalho, a formação para a cidadania. (KARNAL, 2012, p.37).

Portanto o autor revela que os objetivos da escola básica, segundo essa lei, não se restringem à assimilação maior ou menor de conteúdos prefixados, mas se comprometem a articular conhecimento, competências e valores, com a finalidade de capacitar os alunos a utilizarem-se das informações para a transformação de sua própria personalidade, assim como para atuar de maneira efetiva na transformação da sociedade. Pois o ato de educar é um desafio constante! Desde os fundamentos filosóficos acerca do modo de conhecer até os procedimentos contínuos em sala de aula é comum supor que educadores e educandos se confrontem e questionem sobre as ações e conteúdos trabalhados e apreendidos pelos estudantes.

Segundo Karnal (2012), essa prática, gerou em grande parte dos estudantes, sobretudo das series iniciais, um distanciamento e indiferença ao ensino de História, gerando o senso comum de que a disciplina só trata de "coisas antigas" e que "não tem nada a ver" com nosso dia a dia. De fato, um

modelo de ensino histórico que lida com uma narrativa feita apenas com heróis e sujeitos fundadores da civilização é algo que se separa do universo dos alunos e os exclui desse processo. O professor, ao definir os conteúdos a serem contemplados em sua proposta de trabalho, deve ter pleno conhecimento dos objetivos e da problemática que pretende abordar e a relevância dessa na realidade dos alunos, em seus múltiplos planos.

CAPÍTULO 02

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DOS PROFESSORES DE HISTÓRIA: ANÁLISE E DISCURSÕES DE DADOS

Neste capítulo, discute-se os métodos de ensino utilizados em sala de aula e aplicados pelos professores de História da escola U.E.M. Desembargador Jose Sarney Costa, na cidade de Codó/MA. A base desta análise será realizada por meio de um questionário que foi aplicado a alunos/as, docentes e gestão escolar e observando o melhor aperfeiçoamento em relação ao ensino de História, que possibilita ao educando uma forma mais eficaz no processo ensino-aprendizagem.

2.1 A realidade da Escola

A U.E.M. Desembargador Jose Sarney Costa, na cidade de Codó-Maranhão, inaugurada em 16 de abril de 1996, localizada na praça, Padre Giusepp Pelegrini, S/N, Bairro Nova Jerusalém, é uma escola com o sistema de ensino público municipal. A escola trabalha com as seguintes modalidades

de ensino: ensino fundamental no turno matutino do 2º ao 6ºano e no turno vespertino do 6º ao 9º ano, no noturno trabalha com o EJA de 2º a 9º ano.

A escola possui um amplo espaço de frente para que os alunos possam aguardar a entrada na escola, 08 salas de aulas, 01 depósito para guarda os alimentos escolares, 01 depósito para guarda materiais de limpeza e outros utensílios da escola, 01 sala de leitura, 01 sala de informática, banheiros masculino e feminino e para deficiente físico, tanto masculino quanto feminino e também para os professores.

Possui ainda uma secretaria, sala para os professores, um pátio amplo para o lazer dos discentes e outras atividades festivas da escola, uma sala onde é desenvolvido o projeto “Mais Educação”¹, uma cozinha e 01 lavanderia. Na frente da escola também possui rampa para deficiente físico se locomover.

No ano de 2000 a escola passou a trabalhar com o programa Mais Educação quase em regime integral, e também tem os seguintes programas que são: o “Atleta na Escola”, “Saúde na Escola”, “PROCEL- Programa Nacional de Energia Elétrica, Escola Aberta, Brasil Alfabetizado” e se aprovado mais a frete o programa “Mais Cultura”.

Vale ressaltar que todos os programas que assessoram o processo educacional viabiliza um reforço para a prática desenvolvida em sala de aula, e os dois citados anteriormente são sem dúvidas fundamentais para o processo educacional.O incentivo dado por esses programas a partir de suas dinâmicas proporcionam aos aluno primeiramente, e conseqüentemente às suas famílias uma outra visão do campo educacional, de vida e de consciência. Favorece a sala de aula, resgata a autoestima dos alunos, descobre talentos e cria uma serie de oportunidades para o crescimento dos mesmos. Os resultados quando

¹O Programa Mais Educação é uma atividade do Governo Federal com o propósito de melhorar os índices e resultados acadêmicos na vida escolar dos alunos, com temáticas diferenciadas, tais como: aulas de letramento, dança, arte, cultura e outras que viabilizem o aprendizado de forma mais simples e consistente. Acontece sempre no contra turno, na intenção de proporcionar um estudo continuado, ou até mesmo com linha integral. A duração das aulas do programa é de 40 minutos, mas planejados de forma mais efetiva, objetivando mais prazer e dinamicidade para os educandos. As atividades desenvolvidas pelos professores do projeto “Mais Educação” devem ser pautadas em aulas diferenciadas, participativas, dinâmicas e estimuladoras, na intenção de que o aluno desperte para uma outra análise do processo educativo. São diversas linhas que se segue para a construção do Programa, mas todas são respaldadas em ações para o desenvolvimentos das habilidades educativas.

se alcança o êxito nestes projetos, é sem dúvida, motivador para todos os envolvidos, os quais buscam sempre outras formas para se construir outros caminhos para aprendizagem.

A escola possui Projeto Político Pedagógico (P.P.P), onde o corpo docente, os gestores, toda uma comunidade escolar participa junto deste mesmo para o planejamento bimestral ou anual da escola. Segundo dados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) (disponível em www.qedu.org.br/cidade, acesso em 27 junho 2018), a Unidade Escolar aparece com média 3,6 no quesito aprendizagem a escola alcançou a meta estabelecida pelo Ministério da Educação, só que infelizmente, os resultados estão caindo, devido a uma série de situações que a escola vem passando. As problemáticas que interferem no fator ensino-aprendizagem estão relacionadas a desmotivação dos alunos, falta de acompanhamento da família, infraestrutura da escola, recursos e espaços impróprios para o desenvolvimento da aprendizagem, tais como: biblioteca, laboratórios de informática e de ciências para melhores resultados no aprendizado.

A qualidade no processo de aprendizagem da escola analisada precisa ser ainda revista e melhorada. Itens que são fundamentais e imprescindíveis fazem falta ao campo educacional, tipo: acompanhamento familiar, motivação aos alunos, estrutura adequada, recursos diferenciados e até mesmo novas formas de se avaliar os educandos.

Vale ressaltar que o IDEB – Índice de Desenvolvimento Educacional - apenas apresenta dados de uma situação que engloba um período específico, mais que fala muito sobre as possibilidades de futuro, pois aponta os índices que devem ser desenvolvidos e sistematizados. A sistemática do IDEB é através da “Prova Brasil” que é realizada pelo Ministério da Educação na intenção de sanar as problemáticas que envolve o processo educacional e avaliar o nível de ensino de cada instituição escolar, uma vez que a mesma fala da realidade dos alunos.

2.2 Estrutura Física e Organizacional Da Escola

Em observação em relação à escola, tive de primeira estância a visão ampla da escola pelo lado de fora onde a qual possui amplo espaço físico e estrutural, uma praça de frete para escola, o prédio escolar possui muro ao redor, portões à frente e ao centro, arvores à frente.

Dentro da escola pode-se encontrar salas grandes com ventiladores de paredes, dois em cada sala, quadro negro e de acrílico, carteiras em algumas salas apropriadas aos discentes, outras ainda com a deficiência e má conservação, mesas com cadeiras para os professores, os banheiros tanto masculinos, feminino ou para especial físico estão um pouco más conservados devido o tempo.

O prédio escolar possui pisos nas salas e fora delas, grandes corredores, bebedouros para os alunos e as salas de aulas são arejadas. Na cozinha da escola contém mesa, fogão, frizer, armário, pia, lousas, todas para a organização do lanche escolar. Na secretaria há mesas com cadeiras, armários, uma geladeira para os funcionários e os professores, uma máquina de Xerox para facilitar os trabalhos dos professores e funcionários, uma TV com DVD os quais são usados para trabalhos nas salas de aula com os alunos. Somente a secretaria possui forro no teto as salas de aula não.

A instalação elétrica do prédio escolar é regular, há energia nas salas de aulas, na secretaria, cozinha, banheiro, nos corredores e ao redor da escola mais faltam alguns reparos nas instalações. Como a escola foi inaugurada no ano de 1996 ela só veio passar por uma reforma durante o ano de 2000 de lá até aqui a estrutura física da escola se encontra um pouco má conservada.

A análise dos dados foi realizada com a aplicação de questionário às professoras, totalizando 03, na U.E.M. Desembargador Jose Sarney Costa, na cidade de Codó/MA. A escola possui um quadro de 37 professores divididos em três turnos. Sua estrutura possui sete salas de aula, uma diretoria, um salão para reuniões e/ou demais eventos que ocorrem durante o letivo. Seu quadro de profissionais possui um gestor, um vice, 03 supervisores, uma para cada turno, um assistente administrativo, cinco zeladoras, dois vigilantes.

Quanto à formação das professoras de História, a escola possui duas professoras com formação em História e uma em Filosofia, a mesma tem em seu quadro de matriculas um número aproximado de 568 alunos

matriculados, mas sendo esse total divididos em turnos diferentes, sendo que no turno vespertino estão matriculados 259 alunos.

2.3 Práticas Docentes no Ensino de História

Sabe-se que a metodologia é uma grande aliada para a sistematização do processo ensino-aprendizagem e por isso deve ser explorado. Há várias formas de se melhorar, construir e aprimorar os conteúdos a partir de recursos metodológicos. Neste sentido, teve-se algumas perguntas que foram feitas as professoras da escola U.E.M. Desembargador Jose Sarney Costa, na cidade de Codó/MA, relacionadas as suas práticas de ensino.

A seguir analisa-se questões e respostas discutidas pelas professoras ao serem interrogadas sobre suas realidades escolares e desafios de metodologia e relação ensino-aprendizagem. Para preservar as docentes que gentilmente aceitaram participar desta pesquisa, optamos por identifica-las apenas como “professora A”, “professora B” e “professora C”

A primeira pergunta do questionário semiestruturado voltou-se para os usos do livro didático, pois muitas vezes este é o único recurso que docentes possuem nas escolas. Ao serem questionadas sobre como fazem uso do livro didático as respostas das três docentes foram bem próximas, destaca-se: a “professora A” observou que o livro didático para ela é “como um material de apoio, um instrumento muito importante para que o conhecimento didático seja repassado com eficácia”, isto é, ofereceu para este instrumento, um local de protagonismo. A “professora B”, muito próxima disso também, destaca que: “utilizo como uma ferramenta para guiar os alunos nos conteúdos a serem trabalhados” e a “professora C” indo um pouco na contramão das outras respostas se deteve mais na própria pergunta realizada, sobre o uso, que para ela se destacou na realização de “leituras constantemente e estimulando os alunos a pensarem a partir da leitura”.

Sabe-se que política educacional que envolve os livros didáticos auxilia milhares de professores e estudantes no processo de ensino e aprendizagem. O uso do livro didático no sistema educacional, por anos vem

promovendo na sociedade, estudos, debates e questionamentos sobre sua eficácia. Isto contribuiu de forma significativa para qualificar os livros didáticos.

Na compreensão de Bittencourt (2008), o livro didático é o ponto inicial do processo educacional e a produção didática no Brasil possui uma matriz estrangeira, com princípios franceses e alemães. Para a autora alguns historiadores afirmam que esse é um dos pontos da ruína na educação nacional, pois as ideias não contemplavam a realidade nacional.

A segunda questão aborda a utilização de outros recursos além do livro didático, os quais temos como resposta: A “professora A” diz que para facilitar a aprendizagem utiliza debates, discussões em grupos, atividades práticas, exibição de vídeos, etc. A “professora B” utiliza textos complementares, filmes ligados aos conteúdos, e a “professora C” usa lousa, giz, televisão, internet, celular, músicas e outros. Sabe-se que o processo educacional é sistemático, e acontece paulatinamente, construído por etapas, e torna-se preciso o educador utilizar recursos e metodologias que despertem o interesse do educando, na intenção de garantir melhores resultados para os mesmos.

Segundo parecer de Demo (1998. p.45) “A finalidade específica de todo material didático é abrir a cabeça, provocar a criatividade, mostrar pistas em termos de argumentação e raciocínio, instigar ao questionamento e à reconstrução”. Desta feita, a metodologia modifica as aulas e podem garantir outros índices para o desenvolvimento educacional, por isso é imprescindível sempre motivar, capacitar, e evoluir nas dinâmicas de sala de aula, para que se tenha outros olhares para a aprendizagem. Cada docente deve compreender que é fundamental buscar sempre alternativas para se ter outras formas de se aprender, de sistematizar a aprendizagem.

A riqueza da apropriação das linguagens da TV e do vídeo no ensino envolve cuidados que fazem parte da própria prática pedagógica tradicional dos professores. Pois é com o mesmo cuidado que eles planejam suas aulas e selecionam os textos e autores mais adequados para serem lidos pelos os alunos também são selecionados programas e vídeos apropriados, para serem explorados didaticamente dentro da sala de aula.

Quando se questionou sobre as formas de trabalhar com os conteúdos dos alunos, os professores falam: “A”, de forma tranquila levando

em consideração o conhecimento prévio do aluno; já a “professora B” de forma expositiva, dialogada, com recursos complementares, atividades de fixação, pesquisas e indicação de filmes com relação ao tema. A “professora C” através de leituras e comentários feitos pelos alunos a partir da leitura.

É importante aqui, dizer que, o professor com seu autoconhecimento deve sim estimular do educando a se manifestar e expressar seu conhecimento prévio, em relação ao conteúdo que estar sendo abordado em sala de aula, pois só assim ele poderá identificar se o educando está aprendendo ou não. Diante disto podemos dizer também que a interação na sala de aula e a relação professor-aluno é bastante significativa para a melhoria do aprendizado dos alunos.

O processo educacional nos dias de hoje, está muito rápido, e por isso o professor deve articular e se planejar para ações que vislumbre sempre qualidade e aprendizado de forma real, atentando para as metodologias, recursos, e facilidades que se possa ter com as ferramentas tecnológicas, principalmente, para se construir o aprendizado. Não se pode negar a influência das mídias e da importância da tecnologia na vida do aluno, por isso torna-se importante trabalhar com diversos recursos para que algum, em algum momento, provoque e contemple a aprendizagem.

A questão 04 refere-se a: “Que métodos e meios você utiliza para que os/as alunos/as possam compreender os conteúdos trabalhados? ”, por meio desta questão obtivemos as seguintes respostas: “Professora A” referiu-se a acima de qualquer outra metodologia procuro sempre algo que esteja ao alcance dos alunos, ou seja, histórica local. A “professora B” com atividade de fixação do conteúdo exposto com exposição de trabalhos e dinâmicas de perguntas e respostas. A “C” fala em aula comentada.

A função desses recursos é aumentar e melhorar o entendimento dos alunos em relação ao assunto trabalhado fixando de forma, mas atraente e fascinante este processo. Pode-se perceber que nos dias atuais é quase impossível caminhar no espaço escolar sem o uso dessas novas tecnologias o próprio espaço escolar já percebe a importância que esses novos recursos trazem e utilizam como ferramenta norteadora no processo de educação.

O espaço escolar deve ser visto como um espaço de constantes mudanças, onde o aluno possa, de forma participativa, interagir positivamente

na construção do conhecimento. Por isso, ensinar com essas novas ferramentas deve ser proveitoso para assim mudarmos paradigmas clássicos que muitas vezes distancia o professor do aluno.

Na questão metodológica, os professores devem sim está sempre trazendo recurso diferenciais para que seja feita uma aula dinâmica e explícita que motive os educandos a mostrar interesse para fixar de maneira positiva todos os conteúdos abordados em sala.

Segundo Marinho (2014, p. 01) afirma:

As escolas precisam inovar, ou mesmo criar um novo padrão na sua metodologia de ensino — um contexto que possa caracterizar-se como meio para uma aprendizagem dinâmica, que vise ao máximo aproveitamento do tempo de ensino em sala de aula, e não apenas à exposição, fixação e avaliação de cada conteúdo a ser trabalhado com os alunos.

O educador, ao possibilitar uma nova abordagem metodológica em sua sala de aula, poderá trabalhar de maneira clara e objetiva todos os aspectos básicos deste ou daquele conteúdo que está sendo apresentado, e isso despertará em seus alunos um interesse muito maior pelo assunto que está sendo tratado. Enfim, percebe-se que a metodologia pode interferir nas mudanças dos resultados e melhorar os resultados para o ensino de História. As mudanças no processo de ensino-aprendizagem trazem com certeza novas perspectivas para o processo de aprendizagem, e por isso, deve ser sempre um ponto de apoio para os docentes.

Ao serem perguntadas sobre “quais atividades costumam aplicar em sala de aula”, as professoras responderam: “A” atividades de pesquisa, principalmente, além das que estimulam a reflexão. A professora “B” atividades de fixação do conteúdo, dinâmica grupal de perguntas e respostas, e a professora “C” trabalhos em grupos, provas escritas, atividades orais e a participação.

Ainda Marinho (2014, p. 02) comenta:

Quando essa percepção se torna uma evidência para cada educador, ele perceberá que, sempre que possível, a contextualização do assunto trabalhado em sala de aula, com exemplos práticos e ilustrativos de aplicabilidade dentro e fora do ambiente escolar, dará a esses mesmos alunos o entendimento de que as relações do conteúdo trabalhado podem ser aplicadas à realidade vivida por eles, nas mais diversas concepções humanas ou exatas.

Ao longo do trabalho se percebe a importância de inovar em metodologias para que se tenha outros resultados na sistemática da educação, mais que para isso, é preciso sempre melhorar as formas que se estabelece esses aprendizados e como também se leva para as salas de aula. As mudanças devem fazer parte da vida dos educandos, uma vez que a própria sistematização do processo educativo interfere e fala em mudanças.

As atividades de pesquisas e as dinâmicas em grupos dentro da sala de aula é de suma importância para que a aula seja de total aproveitamento, pois é através da interatividade e a relação social que os educandos demonstram todo o seu potencial e domínio intelectual em relação ao assunto tratado.

O próximo questionamento fala sobre “as atividades que são usadas quando não há entendimento dos alunos em relação aos conteúdos”. E as professoras responderam: “A” sempre determino que eles descrevam com seu próprio entendimento mesmo que de forma rústica, a “professora B” tento trazer cartazes explicativos com algumas gravuras e pequenos textos para melhor compreensão, e “professora C” afirma que primeiramente palavras de incentivo, está sempre mudando de metodologia e com sugestões do aluno.

As atividades utilizadas pelas professoras sobre o “refazer a partir dos erros”, é fundamental, os educandos apesar de não terem alcançados os resultados de forma positiva, precisam de atenção para melhorar seus rendimentos, e até mesmo sua forma de pensar em relação a suas conquistas.

Quando se consegue mobilizar a comunidade educativa e fortalecê-la, seja por meio de capacitações, dinâmicas de grupos, ou ainda por momentos de reflexão em estudos, focalizamos com precisão a construção e a reconstrução do conhecimento no processo de ensino-aprendizagem.

Quando se explora características, motiva-se e incentiva-se, a procura pelo saber e, ao mesmo tempo, reduz as percepções do medo gerado pelas mudanças que essa nova visão do conhecimento provoca.

Sobre “as formas de avaliações” que as professoras utilizam, obteve-se como resposta: a “professora A” trabalha sempre com questões objetivas e subjetivas, além de análise textual, já a “professora B” com apresentações de trabalhos, entregas de atividades e avaliação e por fim, a “professora C” trabalha com provas escritas, trabalhos em grupos e participação.

É preciso, ainda, considerar que a preparação de uma prova, seja de que tipo for, deve ser feita tendo em conta alguns cuidados básicos para que se possa garantir que ela vai ser um instrumento que reflita o melhor possível o que o aluno sabe.

A avaliação aplicada dentro da sala de aula, deve ser sim de maneira construtiva, pois todo educando traz em si um jeito de pensar em relação ao conteúdo trabalhado, por isso cada professor precisa ter uma forma de observar o que aquele aluno realmente tem a mostrar de aprendizado sobre os temas discutidos durante as aulas.

De acordo com os PCN's de História (p.40), no processo de aprendizagem, o professor é o principal responsável pela criação das situações de trocas, de estímulo na construção de relações entre o estudado e o vivido, de integração com outras áreas de conhecimento, de possibilidade de acesso dos alunos a novas informações, de confrontos de opiniões, de apoio ao estudante na recriação de suas explicações e de transformação de suas concepções históricas. Nesse sentido, a avaliação não deve acontecer apenas em determinados momentos do calendário escolar. A avaliação faz parte do trabalho do professor para diagnosticar quando cabe a ele problematizar, confrontar, informar, instigar questionamentos, enfim criar novas situações para que o aprendizado aconteça.

A pergunta sobre “os preparativos dos alunos para as avaliações” obteve-se as seguintes respostas: “Professora A” revisando as atividades em sala posteriormente em casa, a “professora B” com uma série de exercícios propostos em relação ao conteúdo, como simulados e a “professora C” estudando os conteúdos trabalhados durante a semana que antecede as provas.

Como forma de preparação das avaliações dentro da sala de aula, é de grande importância que esses conteúdos sejam trabalhados durante todo o percurso da matéria lecionada, onde aquele aluno já possa ir assimilando e absorvendo todo o assunto, e assim gerar de forma positiva os resultados a serem fornecidos para a avaliação aplicada.

Ainda observando a importância do processo avaliativo, pois ele é parte integrante de todo sistema de ensino-aprendizagem, as docentes foram interrogadas acerca dos tipos de atividades efetuadas em sala e do interesse

dos/as alunos/as em acompanharem tais avaliações. Para a “professora A” raramente os/as discentes questionam a avaliação, mas quando isso ocorre ela põe em pauta na sala de aula e tenta chegar num consenso; para a “professora B” os/as alunos/as não se interessam pelos procedimentos avaliativos e nunca os questionam, pois “muitos deles não querem saber de estudar” e para a “professora C” nem sempre há esse interesse pelos métodos avaliativos, mas” quando questionam, falam que as provas deveriam ser todas cursivas”, não entendo em maiores detalhes a docente não relata como trata essa reivindicação discente.

Saindo um pouco da perspectiva do aluno e entrando na autoavaliação que o discurso de punição e culpa a alguém se esvai, para a “professora A” ela se define enquanto “uma profissional comprometida com meu trabalho, pois amo o que faço. Para a “professora B” se define enquanto uma boa professora, em formação, na sala de aula e “tentando adaptar o que aprendi na universidade, para pôr em prática dentro da realidade escolar”.

São poucos os alunos que demonstram total interesse sobre os conteúdos, em relação a disciplina de História, onde está é muitas vezes deixada de ser importante para eles, pois priorizam mais as matérias de exatas do que de humanas.

Não há como separar avaliação de ensino, não há como pensar avaliação de alunos sem que se tenha claro o papel da educação na vida das pessoas. A estrutura e a dinâmica das escolas, com vistas à formação de pessoas, de cidadãos, deveriam mostrar-se como uma orquestra, a fim de apresentar no final do concerto, pelo menos até certo ponto, uma obra harmônica e com sentido. Cada instrumento com seu papel, cada disciplina com seus objetivos integrados e harmonizados no conjunto, em função de metas mais amplas a atingir.

De acordo com Amorim e Souza (1994, p. 125):

A avaliação não é algo que se dê de modo dissociado do objeto ao qual se dirige e não se concretiza independentemente dos valores dos sujeitos em interação. Assim, os princípios norteadores de uma proposta avaliativa e de seu próprio processo de construção representam uma explicitação do posicionamento de sujeitos frente a um determinado segmento da realidade. Estudos em Avaliação Educacional, sujeitos esses que ocupam diferentes lugares sociais, o que leva ao afloramento de divergentes e conflitantes ênfases na avaliação.

Em um contexto assim colocado, a avaliação dos alunos é atividade que adquire um sentido específico, orientada pelo papel da escola. Ao professor devem ficar claros os aspectos mais importantes a avaliar, não na direção apenas do tópico específico de que trata, mas de seu significado na formação da criança ou jovem, formação está mais amplamente compreendida.

Ao avaliar seus alunos os professores estão avaliando a si mesmos, ensino e aprendizagem são indissociáveis e a avaliação é intrínseca a esse processo. A avaliação daqueles a quem se propôs ensinar algo também traz informações sobre como se procurou ensinar esse “algo”. Alguém atuou neste “como”: o professor.

Na questão seguinte, foi perguntado aos professores sobre “as atividades e/ou avaliações priorizando datas e fatos corriqueiros da historiografia tradicional”, os professores falam: “A” não usa totalmente, procuro sim falar de forma didática, pois considero importante também, a professora “B”: sim, porém, procuro sempre enfatizar o porquê dessa colocação e trago reflexões críticas a respeito, e a “professora C” às vezes.

Pensar um processo de avaliação de alunos sem que este se integre no planejamento e desenvolvimento das atividades de ensino do professor no contexto da escola, gera algumas avaliações que conhecemos sobejamente: muitas vezes tecnicamente bem feitas, mas vazias de sentido ou tecnicamente péssimas e ainda mais vazias de sentido. O exercício da docência, com propósitos claros e consensuais, alimenta um processo de avaliação mais consistente e mais integrado na direção de uma perspectiva formativa, voltada para o desenvolvimento dos alunos e não para cumprir uma formalidade de promoção ou retenção.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/1996, artigo 3º, inciso III) destaca o eixo da Liberdade, o qual expressa-se no âmbito do pluralismo de ideias e de concepções pedagógicas (Artigo 3º, inciso III) e da proposta de gestão democrática do ensino público (a ser definida em cada sistema de ensino).

Destacam-se três grandes eixos diretamente relacionados à construção do projeto pedagógico para a melhoria da qualidade de ensino avaliativo:

Ainda segundo a LDB (9394/96), artigo 9º, inciso VI, tem-se: O eixo da Flexibilidade: vincula-se à autonomia, possibilitando à escola organizar o seu próprio trabalho pedagógico e o eixo da Avaliação: reforça um aspecto importante a ser observado nos vários níveis do ensino (Artigo 9º, inciso VI).

Considerando esses três grandes eixos, a LDB reconhece na escola um importante espaço educativo e nos profissionais da educação uma competência técnica e política que os habilita à elaboração do seu projeto político-pedagógico. Nessa perspectiva, a lei amplia o papel da escola diante da sociedade, coloca-a como centro de atenção das políticas educacionais mais gerais e sugere o fortalecimento de sua autonomia.

Nesta perspectiva, a avaliação do aluno é continuada, variada, com instrumentos e elementos diversificados, criativos e utilizada no próprio processo de ensino, como parte deste, na direção de aprendizagens cognitivo-sociais valiosas para os participantes desse processo.

Questionadas sobre “a opinião dos alunos em relação ao planejamento dos conteúdos e as metodologias que costuma utilizar em sala” as professoras “A e B” responderam: não participam, e para a professora “C” não ocorre contribuição discente, alguns dão sugestões de como dar aula, mais isso raramente acontece.

O planejamento talvez seja uma das etapas mais importantes de todo processo escolar, pois está no centro do processo educativo, tanto por meio de uma projeto político pedagógico, construído de forma coletiva e em meio à realidade escolar, quanto por meio da busca de conceitos, modelos, técnicas e coordenação da equipe escolar. É como destaca Gandin e Cruz:

Para eficiência e a eficácia na mudança das estruturas da educação e da sociedade, é preciso dispor de instrumentos adequados que representem, eles mesmos, uma transformação estrutural. Por isso propomos, para a sala de aula, a corrente de planejamento que já se consagrou em outras atividades, chama de planejamento participativo. (GANDIN; CRUZ, 2009, p. 22)

A próxima questão fala sobre “o incentivo e visão crítica aos alunos”, e obtivemos as seguintes respostas: “professora A” considera que ela provoca em suas aulas essa visão; a “professora B” também considera, pois como

definiu em sua resposta: “sim, porque esse é um dos meus principais objetivos quando ministro um conteúdo”; e “a professora C” disse que apenas às vezes consegue essa percepção mais crítica e que para isso busca “trabalhar os conteúdos relacionando o passado com o presente”.

E a última questão fala sobre “os obstáculos enfrentados pelos professores na escola para ministrar as aulas” e as professoras responderam: para a “Professora A” os obstáculos são vários e vão além do ambiente desfavorável até a falta de materiais didáticos; para a “Professora B” um dos maiores problemas está na estrutura da escola e também os recursos e materiais para dinamizar as aulas e torna-las atrativamente melhores; e a “professora C” atribui aos alunos “indisciplinados” o maior obstáculo para as aulas.

Nota-se que as educadoras entrevistadas buscam sempre alternativas diferenciadas e cada um em sua realidade sana as problemáticas de acordo com as limitações e habilidades da turma e do educando. As barreiras enfrentadas pelos docentes é árdua, e sempre galgada de desafios diários, mas o profissional busca mediar e solucionar na medida do possível os obstáculos apresentados.

As professoras entrevistadas são formadas e graduadas, buscam sempre novas dinâmicas e metodologias para trabalhar o ensino de História em sala de aula, levam situações comparativas de cenários históricos, econômicos e políticos (professoras A e B), as metodologias técnicas são também usadas (mais pela professora C)

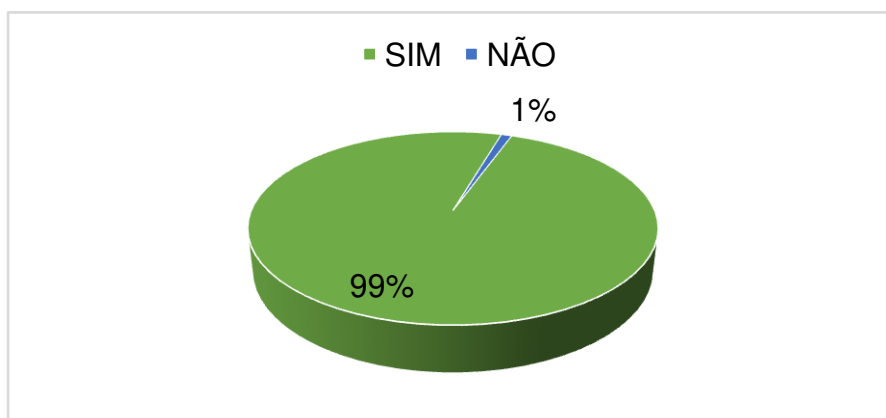
2.4 A percepção discente sobre o Ensino de História da Escola Sarney Costa

Partindo do pressuposto que o processo de ensino e aprendizagem não é unilateral, faz necessário também perceber e ouvir o que dizem os educandos sobre as disciplinas ministradas, uma vez que as mesmas devem ser pontos de segurança aos mesmos.

A seguir mostra-se em forma de gráfico, as situações mais importantes sobre a análise de nossa temática em relação ao aprendizado da disciplina de História na escola ora pesquisada. Este corpo discente, refere-se

ao nível de ensino do fundamental do sexto ao nono ano da escola Sarney Costa, no turno vespertino, e para contribuição desta pesquisa contamos com três turmas, sendo elas, 6º, 8º e 9º ano, cada turma contém uma faixa de aproximadamente 30 a 35 alunos e alunas participantes no preenchimento de um formulário estruturado com seis perguntas direcionadas. Este preenchimento foi feito durante o horário das próprias professoras de História, foram entregues a eles os questionários para preenchimento individual, e eles passaram por um tempo estimado de aproximadamente vinte minutos para preencher.

Gráfico 1: interesse pela disciplina de História



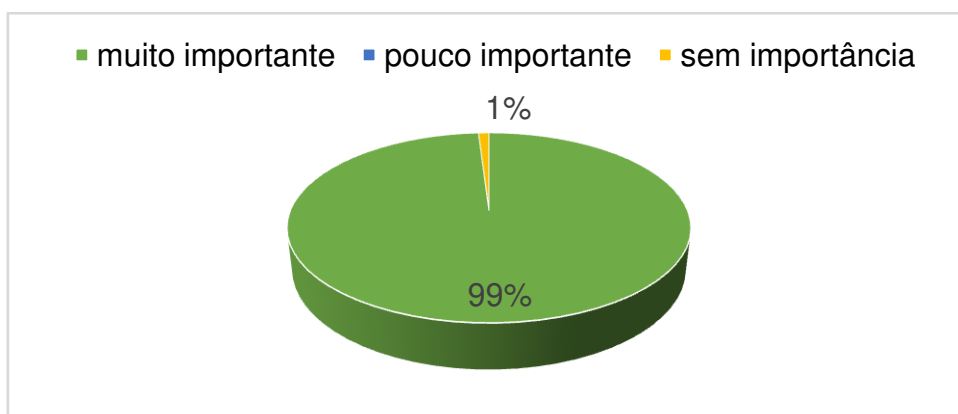
Fonte: Pesquisa realizada pela autora, 2018

Pelo que se vê no gráfico 99% dos entrevistados afirmam que gostam da disciplina de História, e somente 1% não tem afinidade com a mesma. A disciplina de História para estes somados aos 99%, vem enfatizar fatos

ocorridos por várias gerações, onde a qual, são de extrema importância suas análises e estudos para um melhor aprendizado. Dessa forma percebe-se pelos 99% dos entrevistados que a disciplina de história tem sim, sua importância pois, traz consigo nossa história de vida, de nossos antepassados e ainda de nosso presente. Fica aqui então uma alerta para que dentro de nossas escolas possa si trabalhar melhor essa disciplina, não esquecendo-se de que o homem enquanto autor de sua própria história, deve sempre buscar suas raízes culturais e históricas.

O estudo da História como disciplina busca segundo Karnal (2012, p.44), aprimorar o exercício da problematização da vida social, como ponto de partida para a investigação produtiva e criativa, buscando identificar as relações sociais de grupos locais, regionais e de outros povos; perceber as diferenças, os conflitos e contradições e as solidariedades, igualdades existentes nas sociedades; comparar problemáticas atuais e de outros momentos, posicionar-se de forma crítica no seu presente e buscar as relações possíveis com o passado.

Gráfico 2: Em relação a importância da disciplina de História para a sua formação.



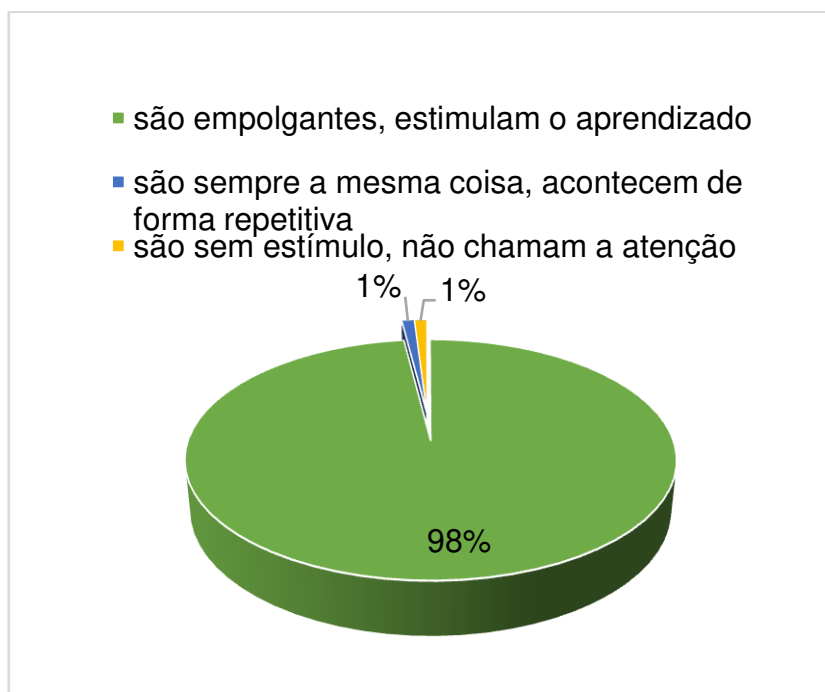
Fonte: pesquisa realizada pela autora, 2018.

Seguindo a mesma perspectiva da questão anterior, uma maioria expressiva posiciona-se diante da disciplina história como algo muito importante. Para tanto, é relevante o papel do professor nesse momento, em

trazer para esses alunos fatos de nossos antepassados, e trazer para cada um deles um interesse maior por nossa história, que não seja apenas fatos de descobertas ou políticas, mas também assuntos voltados para grandes descobertas tecnológicas, ambientais, gastronômicas, etc.

Segundo Karnal (2012, p. 28), nosso aluno, cada aluno, tem de se perceber como um ser social, alguém que vive numa determinada época, num determinado país ou região, oriundo de determinada classe social, contemporâneo de determinados acontecimentos. Ele precisa saber que não poderá nunca se tornar um guerreiro medieval ou um faraó egípcio. Ele é um homem de seu tempo, dentro das limitações que lhe são determinadas, ele possui a liberdade de optar. Sua vida é feita de escolhas que ele, com grau maior ou menor de liberdade, pode fazer, como sujeito de sua própria história, e, por conseguinte, da História Social do seu tempo.

Gráfico 3: Aulas de História

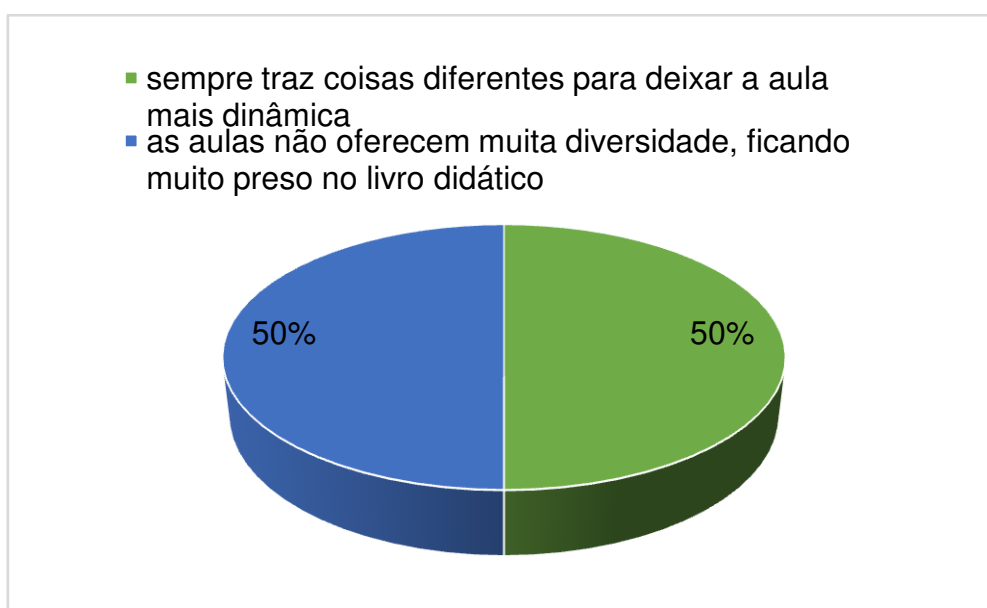


Fonte: pesquisa realizada pela autora, 2018.

Segundo Cunha (2012, p.99), a produção do conhecimento é entendida aqui como a atividade do professor que leva à ação, a reflexão crítica, a curiosidade, ao questionamento exigente, a inquietação e a incerteza. É o oposto da transmissão do conhecimento pronto, acabado. É a perspectiva de que ele possa ser criado e recriado pelos estudantes e pelos professores na sala de aula.

Percebe-se então aqui uma grande preocupação com as aulas ministradas com relação ao ensino aprendido desses alunos, pois para alguns torna-se enfadonho ter que assistir sempre as mesmas aulas ministradas por seu professor. Daí a necessidade de se trabalhar também com visitas a museus históricos, aulas com teatros, danças culturais, comidas típicas e etc, estimulando assim ao aluno uma nova forma de aprender através da prática propriamente dita.

Gráfico 4: Com relação a metodologia utilizada pelo professor



Fonte: pesquisa realizada pela autora, 2018.

Ao analisarem a metodologia docente parte dos alunos entrevistados considera que as aulas não oferecem diversidade e ficam muito presas ao livro didático.

Levando em consideração ao resultados das professoras vimos que a mesma falam sobre a falta de compromisso e motivação dos alunos em responder e discutir os textos da disciplina, e o que os alunos falam é sobre a ‘mesmice’ das aulas.

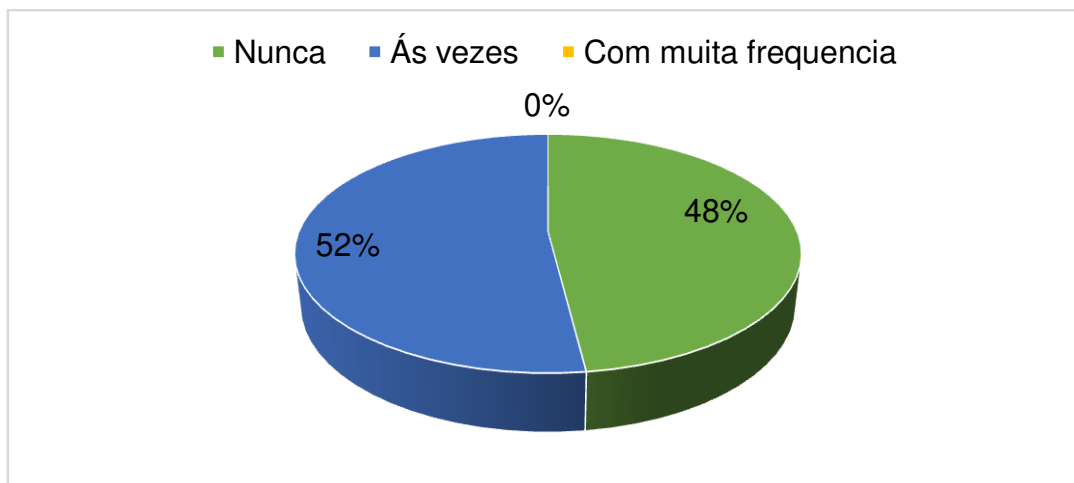
Percebe-se que a responsabilidade em dar e receber os conteúdos estão sendo falhas por ambos os lados, porém, sabe-se que a dinâmica em fazer aulas diferenciadas é grande pelo docente, e que as vezes o aluno nem se interessa, colabora ou procura olhar de forma diferenciada para tal conteúdo e/ou explicação.

A disciplina de História requer muita leitura, discussão e pesquisa para que haja compreensão, por isso é exigente e intelectual, e talvez, seja esse o grande problema em ser vista como ‘boa e fácil’.

Nos PCNS (P.37), nos revela que, não se aprende História apenas no espaço escolar. As crianças e jovens têm acesso a inúmeras informações, imagens e explicações no convívio social e familiar, nos festejos de caráter local, regional, nacional e mundial. São atentos às transformações e aos ciclos da natureza, envolvem-se com os ritmos acelerados da vida urbana, da televisão e dos videoclipes, são seduzidos pelos apelos de consumo da sociedade contemporânea e preenchem a imaginação com ícones recriados a partir de fontes e épocas diversas. Nas convivências entre as gerações, nas fotos e lembranças dos antepassados e de outros tempos, crianças e jovens socializam-se, aprendem regras sociais e costumes, agregam valores, projetam o futuro e questionam o tempo.

Diante disto é importante dizer que a metodologia do professor deve ser sempre inovada a cada dia, para melhor um trabalho dentro da sala de aula.

Gráfico 5: Enquanto ao uso de recursos de vídeo, imagens e músicas



Fonte: pesquisa realizada pela autora, 2018.

Um outro dado que chama a atenção refere-se ao uso de outros suportes para o ensinar, cerca de 48% dos alunos entrevistados afirmaram nunca terem outros recursos nas aulas de história, e a outra metade disse que esse uso se faz “as vezes”, uma referência que é ampla e não nos permite precisar uma periodicidade. Mesmo assim deve ser ressaltada e observada pelo prisma não apenas de um desinteresse docente no uso dessas mídias, mas também na falta de investimento na educação e infraestrutura das escolas.

O processo educacional nos dias de hoje, está muito rápido, e por isso o professor deve articular e se planejar para ações que vislumbre sempre qualidade e aprendizado de forma real, atentando para as metodologias, recursos, e facilidades que se possa ter com as ferramentas tecnológicas, principalmente, para se construir o aprendizado. Não se pode e nem se deve negar a influência das mídias e da importância da tecnologia na vida do aluno, por isso torna-se importante trabalhar com diversos recursos para que algum, em algum momento, provoque e contemple a aprendizagem.

A escola hoje deve oferecer recursos materiais e humanos de qualidade, para que se concretize o ensino, para que se garanta êxito na dinâmica do conhecimento. É de fundamental importância apresentar metodologias diferenciadas para os educandos para que se possa provocar o aprender, e assim, construí-lo de forma eficiente

No próximo questionamento “como você gostaria que fosse a aula de História” a maioria das respostas falam que gostariam que fosse mais

divertida, dinâmica, animada, e que houvesse mais trabalhos em grupos, individuais, tivesse também músicas, vídeos e brincadeiras para melhor interesse deles.

2.5 A percepção administrativa da Escola Sarney Costa

Neste tópico apresentou-se os resultados obtidos com a pesquisa feita com a diretora da instituição. O mesmo trata de perguntas subjetivas, elaboradas e vistas com orientação da professora orientadora deste trabalho monográfico.

Como primeira pergunta, foi feito um questionamento a direção sobre, com que frequência os professores desta escola são avaliados por ela, outros colegas da escola, ou por um indivíduo ou órgão externo (por exemplo, a secretaria de educação). A gestora nos informou que a Secretaria de Educação elaborou uma avaliação de desempenho, para serem aplicados pelos gestores, mas somente os professores efetivos passaram por esta avaliação e aconteceu somente uma vez.

Na questão seguinte procura-se saber sobre quais as dificuldades enfrentadas pela direção e coordenação da escola em relação a indisciplina dos alunos da escola, como resposta percebeu-se que o grau de indisciplina na escola é muito grande e parte da atribuição disso foi atribuída à falta de equipe permanente, por exemplo a escola dispõe de profissionais na secretaria, no entanto só aparecem quando ocorresituações adversas, pois esses funcionários estão de redução de horário, professores que estão em processo de aposentadoria, e outros casos que os levam a realizarem serviços burocráticos, ou seja, as discussões e problemas que as salas de aula apresentam não são de sua total responsabilidade. A diretoria também explicou que uma das grandes dificuldades se encontra na ausência de familiares de forma ativa na escola.

Sobre a questão do acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem dos professores e dos alunos, nesta escola, a gestão informou que é realizada através de planejamentos, acompanhado dos planos mensais e o desenvolvimento dos conteúdos e que os alunos são acompanhados em

todas atividades, inclusive que os projetos realizados na escola funcionam como estratégia para melhor acompanhar e melhoria do desempenho e interesses dos alunos. A direção informou que são realizados projetos de leitura, valores, gincana da matemática, palestra e os projetos indicados pela secretaria de educação. E por fim, como ela descreveria o quadro de professores de História com o qual trabalha na escola.

O que se percebe com questionários/entrevistas realizadas com as três principais instâncias da escola municipal de Codó, Sarney Costa Filho, é que há um jogo de culpas, desculpas e de transferência de responsabilidades pelos desarranjos e fracassos na educação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou analisar as práticas pedagógicas dos professores de História da U.E.M. Desembargador José Sarney Costa, da cidade de Codó/MA, a partir de análise sobre o desenvolvimento dos educandos. É de extrema importância que o educador conheça seus alunos e a realidade de cada um, para que seja feito um trabalho com mais afinidade e aproveitamento dentro da sala de aula. Ele poderá escolher o melhor para ser aplicando em suas aulas. Além disso irá perceber que não só apenas o livro

didático que pode servir como base para as aulas mais outras fontes também pode ser acrescentado.

Os objetivos propostos foram alcançados através do estudo de artigos, livros e da própria pesquisa feita com os professores (a) de História da escola, onde não só eles se pronunciaram mais também alunos e a gestora da escola. Dessa maneira, ficou bem claro que, o trabalho dos (as) professores (as) de História no ambiente da educação, desempenha um papel muito importante na construção do aprendizado dos educandos, sendo que é através da interação em sala e da relação professor- alunos, que vem a contribuir positivamente no processo de ensino e aprendizado.

Nas pesquisas bibliográficas, houve um maior aprofundamento sobre as práticas de ensino e as metodologias desses profissionais da educação, onde cada autor aqui mencionado nos mostrou em suas pesquisas que os docentes tem a inteira consciência da importância da prática de ensino, mas nos foi revelado também que muitos não são valorizados, sendo muitas vezes maus pagos, o ambiente de trabalho mal apropriado para uma boa aula dinâmica e explorativa, pois sabemos que a falta de disponibilidade de recursos a serem investidos no espaço escolar é grande.

Nas entrevistas feitas para as docentes da escola, observou-se que, sobre suas realidades escolares e desafios de metodologia e avaliação em relação ao ensino-aprendizagem, foram bastante firmes e realistas em suas respostas sobre os seus trabalhos pedagógico e a interação com os alunos, pois seus desafios sobre a questão de recursos didáticos e estrutura física da escola é constante, mas procuram sempre usar formas mais diferenciadas e dinâmicas para uma melhor prática de ensino aplicada em sala de aula.

Nas questões direcionadas aos discentes, estes proporcionaram respostas bem claras relacionadas ao ensino de História, pois têm a plena consciência de que o trabalho docente é muito importante para os seus aprendizados, e o ensino de história trabalhado com eles dentro de sala de aula, são informações que ajudam na sua formação como cidadãos e pensadores críticos para sua realidade.

Em relação as pesquisas direcionadas a gestão da escola, foram bastante positivas, pois informaram que os quadros de profissionais da instituição passam por avaliações, mas esses são apenas direcionados aos

professores efetivos, mas que estes são bastante comprometidos com o ensino e aprendizados dos seus alunos, mesmo não tendo um grande acompanhamento profissional, como de uma psicóloga ou agente de serviço social ou da própria família do educando a escola procura trabalhar com projetos que sirvam para melhor aprendizado e desenvolvimento intelectual de seus alunos.

Foram observadas também neste estudo a questão da realidade da escola e a sua estrutura física e organizacional, em que foram trazidas todas as informações necessárias sobre a mesma. E, partido desses resultados, pode-se concluir que o trabalho docente precisa ser mais observado e valorizado dentro do seu convívio escolar, onde o qual se deixe ser explorado por seus alunos para uma melhor relação e aproveitamento no processo de ensino.

REFERENCIAS

ABIGAIL E. Bracarense, Projetos integrados: **uma abordagem metodológica aos conteúdos do art. 7º da Lei 5692/71 (EA, EMC, ER, PJ)**, in **Cidade e Poder**. Anais do V Encontro Estadual de História – MG, Uberlândia, julho de 1986, p. 230.

AMORIM, A.; SOUZA, S. M. Z. L. **Avaliação institucional da universidade brasileira, Estudos em Avaliação Educacional**, FCC.São Paulo, n.10, 1994.

ANFOPE. **Documento final do IV Encontro Nacional, 1989**. In: L. C. Freitas, 1992, p. 9.

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. **Proposta Preliminar**, segunda versão revista abril/2016- p. 296.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei nº 9394 de 24 de dezembro de 1996.

_____. **Parâmetros curriculares nacionais: história /Secretaria de Educação Fundamental**. Brasília: MEC /SEF, 1998.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro didático e saber escolar (1810-1910)**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

_____. **Ensino de história: fundamentos e métodos** / Circe Maria Fernandes Bittencourt – 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2009 – (Coleção docência em formação. Série ensino fundamental / coordenação Antônio Joaquim Severino, Selma Garrido Pimenta).

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade; Lembrança de velhos**. São Paulo: T.A. Queiróz/Edusp, 1983.

BOSI, Ecléa. 1983, p. 17. A obra de F.C. Bartlett, referência nesta discussão, é Remembering: A study in experimental and social psychology. Londres: Cambridge University Press, 1932.

CUNHA, Maria Isabel da. **O bom professor e sua prática**/Maria Isabel da Cunha – 24ª ed. – Campinas, SP: Papyrus, 2012. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FENELON, Déa R., **A questão dos estudos sociais**, in Cadernos Cedes/A prática do ensino de história, São Paulo, Cortez/Cedes, nº 10, 1984, p.14.

Decreto-lei nº 68.065, 14-1-1971 – C.F.E.

DEMO, P. 1990. Pesquisa – **princípio científico e educativo**. São Paulo, Cortez.

_____. **Educar pela pesquisa**. Campinas: Autores Associados. 1998.

FONSECA, Selva Guimarães. **Caminhos da história ensinada/** Selva Guimarães Fonseca. – Campinas, SP: Papyrus, 1993. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

FONSECA, Selva Guimarães. **Ser professor no Brasil: História oral de vida /** Selva Guimarães Fonseca. – Campinas, SP: Papyrus, 1997. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

GANDIN, Danilo & CRUZ. **O planejamento como ferramenta de transformação da prática educativa.** Disponível em www.maxima.art.br, acesso em 27 junho de 2018.

KARNAL, Leandro. **História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas /** Leandro Karnal (org.) – 6. Ed., 2ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2012.

MARINHO, Rômulo. A importância de metodologia. Revista **Linha Retta.** Disponível em www.linhadireta.com, acesso em 27 junho 2018.

MELLO, G.N. 1986. **Magistério de 1º grau – Da competência técnica ao compromisso político.** São Paulo, Cortez.

MOYSÉS, Lucia Maria. **O desafio de saber ensinar/Lucia Maria Moysés.** – Campinas, SP: Papyrus, 1994.

NÓVOA, António. __. **A formação contínua entre a pessoa-professor e a organização-escola.** Inovação 4(1). Lisboa, 1991^a, pp. 62-76.

SAVIANI, Demerval. **Pedagogia histórico-crítica: Primeiras aproximações.** 2ª ed., São Paulo, Cortez: Autores Associados, 1991 (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 40).

SILVA, W. A. 1990. **A construção do currículo na sala de aula: o professor como pesquisador.** São Paulo, EPU.

PINSKY, Jaime. **Ensino de História e a criação do fato.** 12. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Didática: O ensino e suas relações /** (org.) – Campinas, SP: Papyrus, 1996. – (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar** / AntoniZabala; trad. Ernani F. Rosa – Porto Alegre: ArtMed, 1998.

APÊNDICE (S)

QUESTIONÁRIO DE PESQUISA DE CAMPO

Olá, eu sou **Ivanice da Silva Santos**, estudante do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História- UFMA e gostaria de fazer uma entrevista com você destinada a meu trabalho de Conclusão de Curso que tem como objetivo: **Analisar as práticas pedagógicas utilizadas em sala de aula, na disciplina de História do ensino fundamental maior na Escola Sarney Costa ea importância e necessidade de uma boa**

relação entre professor e aluno para o êxito no processo ensino/aprendizagem dos alunos. Agradeço antecipadamente a participação e comunico que seu nome será preservado sobre sigilo.

1. QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AOS ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR DA ESCOLA SARNEY COSTA.

- Idade: 10 aos 16 anos
- Sexo : masculino e feminino
- Ano: 6º ao 9º ano
- Moradia: () Zona Rural (x) Zona Urbana
- Renda mensal familiar: () até um salário mínimo. () até dois salários mínimos. () mais de dois salários mínimos

1º Gosta de estudar História? () sim () não. Por quê?

2º Considera a História: () muito importante () pouco importante () sem importância.

3º Quanto às aulas de história:

() são empolgantes, estimulam o aprendizado;

() são sempre a mesma coisa, acontecem de forma repetitiva;

() são sem estímulo, não chamam a atenção. Por quê?

4º Com relação a metodologia utilizada pelo professor:

() sempre traz coisas diferentes para deixar a aula mais dinâmica;

() as aulas não oferecem muita diversidade, ficando muito preso no livro didático.

Por quê?

5º A professor/a usa recursos de vídeo, imagens e músicas?

() nunca

() às vezes

() com muita frequência

6º Como você gostaria que fosse a aula de história?

2. QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AS (OS) PROFESSORES (AS), DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR DA ESCOLA SARNEY COSTA.

NOME:

DATA DE NASCIMENTO:

ÁREA DE FORMAÇÃO:

INSTITUIÇÃO QUE SE FORMOU:

1º Como você utiliza o livro didático?

2º Além do livro didático, que outro recurso você utiliza em suas aulas?

3º De que forma você costuma trabalhar os conteúdos com os/as alunos/as?

4º Que métodos e meios você utiliza para que os/as alunos/as possam compreender os conteúdos trabalhados?

5º Que tipos de atividades você costuma aplicar em sala de aula?

6º Que tipos de atividades você costuma aplicar para melhorar o entendimento de seus alunos quando esses não atingirem a aprendizagem desejada em determinado conteúdo?

7º Quais as formas de avaliações que você costuma utilizar?

8º Como os alunos se preparam para as avaliações?

9º Você costuma ser questionado/a por eles sobre as formas de avaliações ou tipos de atividades?

10º Os/as alunos/as opinam sobre o planejamento dos conteúdos e as metodologias que você costuma utilizar?

11º Em suas atividades e/ou avaliações você costuma priorizar datas e fatos corriqueiros da historiografia tradicional?

12º Como você se auto avalia enquanto professor de história?

13º Você considera que suas aulas priorizam e incentivam a visão crítica dos alunos?

14º Quais obstáculos você enfrenta na escola para ministrar suas aulas?

3. QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO DIRETOR(A), DO ENSINO FUNDAMENTAL MAIOR DA ESCOLA SARNEY COSTA.

Nome:

Data de nascimento:

Área de formação:

Instituição que se formou:

Qual é o seu sexo?

1º Você exerce a(o) função/cargo de diretor em mais de uma escola? Em caso afirmativo, diga qual.

2º Com que frequência os professores desta escola são avaliados por você, outros colegas da escola ou por um indivíduo ou órgão externo (por exemplo, a secretaria de educação)?

3º Como é feito o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem dos professores e dos alunos nesta escola?

4º Quais as dificuldades enfrentadas pela direção e coordenação da escola em relação a indisciplinaridade dos alunos da escola?

5º Que tipos de projetos são realizados na escola para melhor desempenho e interesses dos alunos?

6º Como você descreveria o quadro de professores de História com o qual você trabalha na escola?

CARACTERÍSTICAS GERAIS DA ESCOLA

1. Fundação da escola:

2. Endereço e telefone:

3. Quantidade de alunos:

4. Corpo docente:

5. Gestão da escola:

6. Funcionários como vigias, zeladoras e administrativos: